

APRESENTAÇÃO

ANTROPOLOGIA DO CRISTIANISMO: COSMOLOGIAS, RUPTURAS E CONTINUIDADES¹

Dra. Andreia Vicente da Silva (Unioeste)²

A antropologia do cristianismo é um campo de estudos relativamente novo. Esse fenômeno pode ser explicado, dentre outros fatores, pela dedicação da antropologia por temáticas que se aproximem da noção de exótico – aliás, tradição herdada dos pais fundadores da disciplina (CASTRO, 2009). De toda forma, a religião mais praticada no mundo foi negligenciada como objeto de estudo antropológico durante praticamente todo o primeiro século de vida da nossa disciplina. A partir dos anos 1990 essa realidade começou a mudar e os estudiosos do cristianismo iniciaram uma trajetória de diálogos intensa e extremamente fértil (Robbins, 2011, p. 11).

Neste dossiê oferecemos ao leitor seis artigos de pesquisadores que se propuseram a refletir a respeito de algumas questões teóricas que uma religião como o cristianismo suscita. A diversidade de temas e de contextos espaciais reafirma a importância da temática e o quanto há por fazer. Saltam aos olhos nos textos apresentados a seguir, universos cosmológicos distintos, em continuidades ou rupturas, em enfrentamentos ou compartilhamentos. Todavia, percebem-se possibilidades de diálogos entre os textos que compõem o dossiê, como ponto brevemente a seguir.

O primeiro artigo é de autoria de Cecília Loreto Mariz. A autora procura salientar a importância dos debates a respeito das rupturas e inovações culturais promovidas por grupos cristãos. Neste sentido, Mariz faz um contraponto importante a já consagrada tradição de estudos no Brasil que se propõem pensar as continuidades entre as matrizes cristãs – sobretudo aqueles que apontam um domínio do catolicismo e das práticas católicas em diversos contextos. A especialista compara de que forma pentecostais, católicos da renovação carismática e católicos de libertação de algumas regiões da área metropolitana do Rio de Janeiro se expressam para se referir ao conceito de comunidade, aos dons recebidos e as dádivas e ofertas realizadas. Seguindo as ideias propostas por Robbins (2011) e Cannel (2005), Mariz nos convida a levar a sério as falas dos conversos que alegam mudanças importantes ao longo da nova adesão religiosa e por isso mesmo observa menos as continuidades religiosas e mais os elementos de ruptura propostos por cada um destes contextos.

¹ Dedico este dossiê a memória de Clara Mafra que mais que orientadora e amiga foi uma grande entusiasta da antropologia do cristianismo.

² Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001), mestrado em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (2005) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: deiavicante@gmail.com.

Avançando no artigo, é possível perceber os termos da distinção entre comunidade e sociedade, tal como são propostos no debate sociológico a respeito do surgimento da sociedade capitalista. Mariz critica o apego à impessoalidade e anonimato como dinâmicas universais do mundo contemporâneo e aposta no discurso religioso que aponta a integração do indivíduo tanto com o transcendental quanto com outro grupo.

A tendência de trabalhar as rupturas e continuidades também é debatida no segundo artigo do dossiê que foi escrito por Véronique Boyer. A pesquisadora utiliza o caso do povoado do Castelo, no Pará para argumentar que paralelamente as rupturas propostas por evangélicos num universo católico é possível perceber continuidades e passagens entre essas duas religiosidades. Neste sentido, ela se debruça sobre a ideia de comunidade, demonstrando como a adesão ao catolicismo reforça laços de parentesco e clientelismo, ao passo que a chegada dos evangélicos provoca uma ruptura inicial com esse ciclo estabelecido. Contudo, como o desenvolvimento do artigo deixa perceber que, evangélicos e católicos compartilham de maneiras semelhantes às mesmas relações sociais já que tem elementos rituais e discursivos comuns que podem ser reinterpretados em ocasiões distintas.

Os dois primeiros artigos, de Mariz e Boyer, nos levam a uma discussão interessante sobre rupturas e continuidades no universo religioso cristão. Imediatamente, lembrei-me do quadro “Os dois caminhos” – que ilustra a capa desta edição. Pensar rupturas e continuidades entre cosmologias cristãs é um exercício interessante e complexo para todos aqueles que estudam a antropologia do cristianismo. Afinal, num universo religioso onde tendências opostas e complementares convivem dividindo um mesmo espaço, apostar em contextos de pesquisa próximos e que apareceriam ao leigo como óbvios, pode realmente reforçar as potencialidades interpretativas desta área de estudos.

No terceiro artigo, Polyanny L. do Amaral Braz e Mísia Lins Reesink discutem o conceito de santidade vivido pelas mulheres pentecostais da Congregação Cristã no Brasil na cidade do Recife em Pernambuco. Para tanto, as autoras nos conduzem através de um debate histórico a respeito da ideia de santidade que no catolicismo do medievo aparecia como associada aos mártires e aos heróis. Seguem demonstrando como no universo pentecostal a santidade ganha novos contornos que associam a crença em uma cosmologia do mundo dividida entre terra, céu e inferno que se desdobra nas exigências de uma vida rigidamente regrada no que diz respeito aos usos e costumes. O estudo das autoras é um referencial especial para pensar o debate sobre mudança cultural que é uma das arenas de maior destaque nos estudos de antropologia do cristianismo - principalmente como expressão forte entre os cristãos pentecostais que são considerados por alguns autores como indivíduos mais autoconscientes e disciplinados já que tem que lidar, entre outras questões, com uma ênfase na sinceridade (Mafra, 2014).

Já o quarto artigo da coletânea nos instiga a pensar trânsitos de agentes não humanos na cosmologia evangélica através de um estudo atento dos corinhos de fogo pentecostais. A intenção de Robson Rodrigues de Paula é demonstrar que mais que um adereço sonoro do culto, os corinhos de fogo são geradores de ação. Neste caso, as letras destas músicas dos pentecostais cariocas além de tematizarem questões relacionadas a forma como o sagrado se manifesta entre os humanos, produzem ações. É enriquecedor entrar nesta reflexão e compreender os corinhos de fogo como elementos constitutivos dos rituais e das práticas do pentecostalismo brasileiro, já que as palavras cantadas tem capacidade de significação e de criação de estruturas sociais.

No quinto artigo do dossiê, Claudia Wolff Swatowski debate de que forma os Testemunhas de Jeová do bairro da Ajuda em Lisboa, Portugal, lidam com as resistências encontradas em suas atividades de proselitismo face a face diariamente. Embora com outra ênfase, há também a presença de um debate sobre a cosmologia do cristianismo e a respeito da atuação dos diversos agentes espirituais no mundo. Afinal, ao circular de casa em casa em duplas, os Testemunhas de

Jeová, ambicionam falar da mensagem divina para todas as pessoas. Contudo, essa tarefa os leva a enfrentar a maior alteridade de todas que é a presença satânica.

Por último, em seu artigo, Janine Tagino debate as dificuldades que teve para realizar sua pesquisa em comunidades terapêuticas no Rio de Janeiro. O principal objetivo da autora é demonstrar de que forma uma etnografia esbarra em grandes dificuldades quando se propõe compreender contextos retóricos complexos nos quais há diversos níveis de mensagens circulando na fala e nas ações dos atores envolvidos. A pesquisadora questiona em que ocasiões pode ser propício desconfiar do que é dito e como podemos compreender os sentidos implícitos e as mensagens que estão sendo reforçadas na fala dos interlocutores. Neste artigo podemos perceber também as especificidades da linguagem do cristianismo já que se notam transformações na produção verbal dos conversos.

Enfim, entregamos ao leitor da revista Tempo da Ciência um dossiê sobre antropologia do Cristianismo que se propõe a pensar a partir de etnografias as questões propostas por uma grande religião mundial. A partir das multiplicidades conceituais, metodológicas e espaciais, é possível perceber a abrangência, a pluralidade e algumas potencialidades deste campo de estudos que está em plena expansão.

Boa leitura a todos!

Referências:

CANNELL, Fenella. The christianity of anthropology. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, nº 11(2), 2005.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MAFRA, Clara. Santidade e sinceridade na formação da pessoa cristã. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 34(1), 2014.

ROBBINS, Joel. Transcendência e antropologia do Cristianismo: linguagem, mudança e individualismo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 31 (1), 2011.